



PESQUISAS COM OS COTIDIANOS EM HIPERMobilIDADE:**PRATICANTES E CIDADES EM DIÁLOGO**

EVERYDAY LIFE STUDIES IN HYPERMOBILITY:**PRACTITIONERS AND CITIES IN DIALOGUE**

INVESTIGACIONES CON LOS COTIDIANOS EN HIPERMOVILIDAD:**PRACTICANTES Y CIUDADES EN DIÁLOGO**

Vivian Martins¹**RESUMO**

O presente estudo apresenta uma atualização das pesquisas com os cotidianos a partir da perspectiva da hipermobilidade, tema da tese defendida em programa de pós-graduação em Educação. A questão principal é: como produzir conhecimento científico em hipermobilidade? O método escolhido foi a Pesquisa-formação na ciberultura. A inclusão das tecnologias móveis na condução da pesquisa propõe questões sobre a própria atividade investigativa, com diferentes opções na pesquisa científica. O campo de pesquisa ocorreu em dois cursos do Instituto Federal do Rio de Janeiro (Formação de Docentes para a Educação online e Formação Docente para a Comunicação, Cultura e Arte) e os praticantes eram educadores de diversas redes educativas da região metropolitana do Rio de Janeiro. Após o campo e a conversa com os dados, três noções subsunçoras foram encontradas como achados da pesquisa e que buscam responder à questão de estudos: 1) o desenvolvimento de conscientização cidadã a respeito do espaço; 2) invenções de micronarrativas urbanas em hipermobilidade; e 3) produção de conhecimento em diálogo com as tecnologias móveis. Dessa forma, é possível delinear movimentos que pesquisadores interessados em pesquisar em hipermobilidade podem desenvolver.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisas com os cotidianos. Hipermobilidade. Ciberultura. Educação na cidade.

ABSTRACT

This study provides an update on everyday life research from the perspective of hypermobility, the central theme of a doctoral thesis defended within a graduate program in Education. The main research question is: how can scientific knowledge be produced in hypermobility? The chosen method was Research-formation in cyberculture. The inclusion of mobile technologies in the research process raises questions about the very nature of investigative activity, offering different possibilities within scientific inquiry. The fieldwork took place in two courses at the Federal Institute of Rio de Janeiro — Teacher Education for Online Learning and Teacher Education for Communication, Culture, and Art — involving educators from various educational networks in

Submetido em: 24/10/2025 – **Aceito em:** 02/02/2026 – **Publicado em:** 15/03/2026

¹Professora de Educação a Distância e Tecnologias Educacionais do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com período de doutorado-sanduíche na The Ohio State University (EUA) financiado pelo Programa Institucional de Internacionalização da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES-PRINT). Possui mestrado em Educação pela UERJ, especialização em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF), MBA em Gestão de Recursos Humanos pela UFF, Licenciatura e Bacharelado em Pedagogia pela UERJ. Site: www.vivianmartins.com. E-mail: vivian.lopes@ifrj.edu.br



the metropolitan region of Rio de Janeiro. After conducting the fieldwork and engaging in dialogue with the data, three subsuming notions emerged as research findings that address the main question: (1) the development of civic awareness regarding space; (2) the invention of urban micronarratives in hypermobility; and (3) the production of knowledge in dialogue with mobile technologies. These findings outline possible directions for researchers interested in studying within the framework of hypermobility.

KEYWORDS: Everyday life studies. Hypermobility; Cyberculture; Education in the city

RESUMEN

El presente estudio ofrece una actualización de las investigaciones sobre los cotidianos desde la perspectiva de la hipermovilidad, tema central de una tesis defendida en un programa de posgrado en Educación. La pregunta principal es: ¿cómo producir conocimiento científico en hipermovilidad? El método seleccionado fue la Investigación-formación en la cibercultura. La inclusión de tecnologías móviles en la conducción de la investigación plantea interrogantes sobre la propia actividad investigativa, abriendo distintas posibilidades dentro de la investigación científica. El trabajo de campo se realizó en dos cursos del Instituto Federal de Río de Janeiro — Formación Docente para la Educación en Línea y Formación Docente para la Comunicación, la Cultura y el Arte — con la participación de educadores de diversas redes educativas de la región metropolitana de Río de Janeiro. Después del trabajo de campo y del diálogo con los datos, se identificaron tres nociones subsumidoras como hallazgos de la investigación que buscan responder a la pregunta del estudio: (1) el desarrollo de la conciencia ciudadana respecto al espacio; (2) las invenciones de micronarrativas urbanas en hipermovilidad; y (3) la producción de conocimiento en diálogo con las tecnologías móviles. De esta manera, se delinean posibles movimientos que los investigadores interesados en estudiar la hipermovilidad pueden desarrollar.

PALABRAS CLAVE: Investigación con los cotidianos. Hipermovilidad; Cibercultura; Educación em la ciudad.

REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

Sheller e Urry (2006, p. 212) questionam: “E como nossos próprios modos de 'saber' estão sendo transformados pelos processos 'móveis' que queremos estudar?”² Essa pergunta delinea as reflexões do presente artigo. Ao idealizar os cotidianos em hipermobilidade converso com um dos movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos: “ir sempre além do já sabido”, seguindo as orientações das autoras e “ir além das *‘prácticasteorias’* dos autores com os quais trabalhamos” (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 25). Dessa forma, é possível pensar o cotidiano dentro do constructo de pesquisa, mergulhando com todos os sentidos na hipermobilidade para pensar em outras lógicas possíveis. Diante desses tensionamentos, emerge a questão principal: como produzir conhecimento científico em hipermobilidade?

A perspectiva cotidianista se apresenta a partir de atitudes na pesquisa, com um olhar mais epistêmico-metodológico do que teórico. De acordo com Pais (1993), na sociologia do cotidiano não se pretende demonstrar, de forma “geometrizada por quadros teóricos e conceitos

² Tradução da autora. No original: “And how are our very modes of 'knowing' being transformed by the very 'mobile' processes that we wish to study?” (SHELLER; URRY, 2006, p. 212)



(ou preconceitos) de partida” (Pais, 1993, p. 110). É preciso ter cuidado, apresentando certa vigilância para as formas prontas. Pretende-se revelar e descobrir a vida social de todos os dias, com as suas diferenças e caminhos tortuosos. O modo como os revela é que representa a alma da sociologia do cotidiano: valorização da viagem e não do porto. O porto é o destino, contudo, o que interessa realmente para os estudiosos do cotidiano é o caminho percorrido ou a “rota” (Pais, 1993), para que possamos revelar o que acontece nesse percurso, o que está invisibilizado por toda uma trama social.

Diante disso, pretendo atualizar a pesquisa com os cotidianos a partir da perspectiva da hipermobilidade, tema da tese e a forma como nosso caminho foi conduzido. Afinal, esse é um estudo sobre hipermobilidade que vivenciou suas características para o desenvolvimento da pesquisa, observando as redes, sentindo os fluxos e atuando em hipermobilidade, sendo importante compartilhar os achados para contribuir com pesquisas futuras. A inclusão das tecnologias móveis na condução da pesquisa propõe questões sobre a própria atividade investigativa, com diferentes opções na pesquisa, caminhos, focos e retornando para outras perguntas em um movimento de muitas idas e vindas ao longo dos mais de três anos de pesquisa.

Como produzir ou adquirir conhecimento científico em movimento? Essa era uma pergunta que me instigava desde a escrita do projeto de tese, com a vontade de inovar em método e epistemologia no doutorado. Inicialmente, de forma intuitiva, fui utilizando o celular e aplicativos específicos (voltados para produção científica ou não. Por exemplo, diários online e gerenciador de referências), avançando para o campo de pesquisa em movimento conectado e tendo formas de pensamento e condutas coerentes com a hipermobilidade no caminhar da pesquisa. Posteriormente, iniciei a reflexão e pesquisas teóricas sobre essas ações, em um movimento cotidianista de *‘prácticateoriaprática’*, que me oportunizou suporte para retornar ao campo e continuar meu processo de compreensão da produção do conhecimento científico em hipermobilidade.

Conto com as reflexões de Certeau (1994), Santos (1996), Alves (2008), Freire (1987) para pensar essa atualização epistemológica, principalmente com o olhar desses autores para a relação com a cidade e o movimento, já que os autores não vivenciaram a hipermobilidade como ela se apresenta hoje. Para suprir a demanda temporal, recorro a Adams (2000) com o estudo sobre a hipermobilidade, Sheller e Urry (2007) e Lima; Silva; Torini (2019) com o paradigma das novas mobilidades e Pinto (2020) com o novo paradigma epistemológico das mobilidades. Optei por seguir Alves (2003) e utilizar o termo “movimentos” das pesquisas com os cotidianos em hipermobilidade, por ser um termo que indica fluxo e deslocamento, como a nossa proposta. Então questiono: o que fazer quando estiver desenvolvendo uma pesquisa em hipermobilidade?



Para responder ao questionamento anterior, recorri ao método da Pesquisa-formação na ciberultura (Santos, 2019), desenvolvida a partir de uma bricolagem epistemológica entre as teorias multirreferenciais (Ardoino, 1998), as pesquisas com os cotidianos (Andrade; Caldas; Alves, 2019) e a ciberultura (Lévy, 1999). É um método que se delineia nos atravessamentos entre processos formativos e investigação científica. Para Josso (2004), a pesquisa-formação é uma metodologia que busca o desenvolvimento de uma teoria da formação (p. 213) em que pessoas se formam na utilização da abordagem autobiográfica.

Pensar a formação como uma oportunidade de autoconhecimento por meio de narrativas e criações textuais é uma das perspectivas das pesquisas com os cotidianos. Uma sintonia se instaura em epistemologia e método, pois a valorização dos praticantes e de suas narrativas de vida e formação também é uma concepção da Pesquisa-formação. De acordo com Josso (2004), é uma pesquisa a partir de histórias centradas na formação de si. O presente artigo apresentará as experiências da pesquisadora ao longo do campo de pesquisa, apresentando inicialmente o aspecto metodológico e, posteriormente, as três noções subsunçoras que emergiram da sua prática investigativa.

PESQUISA-FORMAÇÃO NA CIBERCULTURA

A escolha metodológica é, conforme Macedo (2016), um ato implicacional que envolve o pesquisador de modo subjetivo e ético. Na ciberultura, ambiente marcado pela imprevisibilidade e pela emergência do novo, a pesquisa precisa acolher a complexidade e o acontecimento. Morin (2005) propõe a inclusão do sujeito na produção de conhecimento, exigindo que o pesquisador investigue sua própria prática de forma autocrítica e reflexiva.

Nesse horizonte, a Pesquisa-formação na ciberultura (Santos, 2019) constitui-se como um caminho metodológico que rompe com a separação entre docência, pesquisa e formação. Ela entende o conhecimento como processo coletivo, no qual o pesquisador é também um sujeito em formação. O método emerge do encontro entre experiências, narrativas e práticas. Destaca o pesquisador implicado, o entrelaçamento entre experiência e reflexão e a valorização das narrativas de vida como dispositivos formativos. Assume a complexidade dos fenômenos educacionais no contexto digital contemporâneo.

Segundo Josso (2004), a pesquisa-formação propõe uma teoria da formação centrada no sujeito aprendente, cuja experiência autobiográfica é fonte de conhecimento. Ela requer do pesquisador uma implicação ativa e sensível e integra três dimensões: formação, conhecimento e aprendizagem. Tal concepção aproxima-se das ideias de Paulo Freire (1996), ao compreender



ensino e pesquisa como práticas indissociáveis, em que o educador-pesquisador aprende e se transforma ao educar. O campo de pesquisa é visto como uma ambiência viva e formativa, na qual pesquisador e praticantes cocriam saberes e transformações.

O processo formativo se dá em rede, por meio de dispositivos de pesquisa, entendidos como artefatos pedagógicos que provocam interações, aprendizagens e emergências narrativas. Esses dispositivos podem assumir a forma de cursos, oficinas, projetos ou experiências digitais que possibilitam o desvelar do objeto de estudo.

As narrativas dos praticantes (professores, alunos ou formadores) constituem-se como dados fundamentais, interpretados em diálogo horizontal com o referencial teórico. A análise segue uma triangulação ampliada (Macedo; Galeffi; Pimentel, 2009), que valoriza múltiplos ângulos de compreensão, articulando teoria, empiria e subjetividade. As narrativas utilizadas neste artigo foram selecionadas a partir de uma abordagem qualitativa e dialógica, onde o cotidiano é valorizado como campo de experiência oriundo dos artefatos pedagógicos ou dispositivos de pesquisa desenvolvidos. Neste contexto, as narrativas não são apenas relatos, mas produções de conhecimento autobiográfico orais ou escritas que emergem em interações diversas na imersão do contexto investigativo. Elas são selecionadas a partir do cotidiano (diários de campo, conversas, registros e atividades educacionais) e valorizam as experiências singulares dos participantes, principalmente para a reconstrução de "si", histórias de vida e formação, ressignificação de práticas e integração direta com o constructo da pesquisa.

A reflexão sobre essas partes da experiência, sob a perspectiva cognitiva, afetivo-relacional e conotativa, permite-nos criar *unidades de significação* a partir das propostas dos sujeitos, ao descreverem seus fenômenos e etnométodos (maneiras de fazer), que vão sendo reagrupadas em categorias analíticas – as noções subsunçoras, com vistas a sistematizar o conjunto das informações e interpretações que elaboramos; ou seja, o corpus analítico escrito por meio de relações e/ou conexões estabelecidas no processo ‘*aprendizagemensino*’, interpretando-as e as reinterpretando, até chegarmos ao produto final aberto (Amaral, 2024, p. 72).

Amaral (2024) teoriza a respeito das noções subsunçoras da pesquisa, como uma “busca de ‘*sentidossignificações*’ no processo de investigação científica” (Amaral, 2024, p. 70). Destaco da explicação da autora a “sistematização analítico-interpretativa” (*Idem*, p. 72), o “mapa semântico” (*Idem*, p. 72), com as narrativas essenciais e as “unidades de significação” (*Idem*, p. 72), como passos necessários para o desenvolvimento dos resultados da pesquisa, com a sistematização textual do vivido. Tais passos foram percorridos para a construção desse artigo, guiando a identificação das três noções subsunçoras apresentadas posteriormente.

Em resumo, o processo metodológico desenvolve-se em cinco etapas integradas e não



necessariamente lineares:

- Dilemas docentes, que originam as questões de pesquisa - a inquietação causada pela prática do educador que promove a necessidade de pesquisas;
- Desenvolvimento do dispositivo de pesquisa e formação - criação de dispositivos formativos, como meios de provocar experiências relacionadas ao objeto de pesquisa. Possibilitam o desenvolvimento de dados para a análise;
- Emergência dos dados, via narrativas, imagens, sons e interações - os dados emergem por meio de conversas presenciais e online, práticas pedagógicas e avaliações com os praticantes da pesquisa;
- Procedimentos de análise - conversa com os dados, em triangulação teórico-empírica, considerando a experiência em campo do pesquisador, os dados do campo de pesquisa e o referencial teórico;
- Noções subsunçoras - apresentação dos resultados da metanálise desenvolvida em etapa anterior, por meio de categorias analíticas.

Em todas as fases destacadas anteriormente, o pesquisador é simultaneamente aprendiz e formador, refletindo sobre sua trajetória e as transformações do grupo.

O campo de pesquisa ocorreu no ano de 2019 no Instituto Federal do Rio de Janeiro, *campus* Belford Roxo, nos cursos Formação de Docentes para a Educação online e Formação Docente para a Comunicação, Cultura e Arte. Os dois cursos possibilitaram a interlocução entre escola-cidade-ciberespaço. Os cursos foram desenvolvidos no ambiente virtual de aprendizagem Moodle, e foram baseados em teorias e princípios da educação online (Martins; Santos; Duarte, 2020).

Os interlocutores da pesquisa são professores em formação continuada que atuam na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, em especial da Baixada Fluminense. Professores atuantes nas redes pública e privada de ensino, professores online de Consórcios de Educação a Distância, profissionais que atuam em contextos educacionais diversos, como escolas, exposições artísticas, instituições de memória, centros culturais, movimentos sociais e pesquisadores de instituições diversas.

A horizontalidade das relações substitui a lógica hierarquizada da ciência moderna, valorizando o saber experiencial e coletivo como forma de resistência à colonização epistêmica. Nesse movimento, o pesquisador não observa de fora, mas age com os praticantes, constituindo um saber compartilhado que articula prática, teoria e vida.

A pesquisa-formação revela-se um método ético-estético-político, no qual os sujeitos implicados se (trans)formam a partir da autorreflexão e da partilha de experiências. As narrativas dos praticantes, quando interpretadas como conhecimento legítimo, ampliam o entendimento dos fenômenos educativos e culturais, especialmente no contexto da educação online e das redes digitais.

Dessa forma, emergiram três noções subsunçoras que apresentamos como movimentos para as pesquisas com os cotidianos em hipermobilidade. São elas: (1) Desenvolvimento de conscientização cidadã a respeito do espaço, (2) Invenções de micronarrativas urbanas em hipermobilidade e (3) Produção de conhecimento em diálogo com as tecnologias móveis. A figura 1 apresenta os três movimentos mencionados anteriormente e os tópicos principais das pesquisas com os cotidianos em hipermobilidade.



Figura 1. Movimentos e tópicos principais das pesquisas com os cotidianos em hipermobilidade
Fonte: elaborado pela autora.

MOVIMENTO 1 – DESENVOLVIMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO CIDADÃ A RESPEITO DO ESPAÇO

Cotidiano e espaço se unem de uma forma inevitável. Milton Santos (1996) alerta para o fato de o espaço ser essencial para o cotidiano. “A dimensão espacial é a dimensão talvez central



do cotidiano do mundo de hoje” (Santos, 1996, p. 11). Certeau (1994) demonstra a vontade de acompanhar procedimentos “que escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, e que deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e de uma inquietante familiaridade da cidade” (Certeau, 1994, p. 163). O autor me conduz ao estudo sobre o cotidiano vivido/praticado na cidade.

Santos (1996) continua suas reflexões questionando “Como trabalhar a dimensão espacial do cotidiano?” (p. 11) e responde dizendo que a cidadania é a chave, pensando o espaço do cidadão que é marcado por resistências e é produtor de fenômenos políticos. Por exemplo, a luta indígena pela demarcação de territórios ou a luta de profissionais da educação por um terreno para instalar uma escola.

Penso o primeiro movimento como a conscientização cidadã a respeito do espaço. Sabemos que vivenciamos o espaço de forma desigual. Dependendo do local, há maior investimento público em infraestrutura, transportes, educação, obras, desenvolvimento econômico, segurança, cultura, saúde e outras pautas que influenciam de forma preponderante a prática na cidade. A hipermobilidade ainda não é para todos, falta investimento em tecnologias, transporte público e conexão, fatores econômicos que impossibilitam a mobilidade, a aquisição tecnológica e a conectividade. A falta de investimento em segurança inviabiliza o uso de tecnologias nas caminhadas, por exemplo. A falta de investimento em internet e problemas econômicos diminuem a conexão dos praticantes em mobilidade pelas ruas.

Sheller e Urry (2006) apontam que a “mobilidade e o controle sobre a mobilidade refletem e reforçam o poder” (p. 211). A exclusão social afeta as formas como pessoas vivenciam as cidades, com diferentes pautas que se integram de forma transversal. Assumir tais questões reflete a consciência do pesquisador sobre a cidade ao adotar práticas epistemológicas que considerem as problemáticas urbanas e contribui para uma pesquisa socialmente implicada, ética e responsável. Sempre atenta aos agenciamentos, aos movimentos contemporâneos e acompanhando as formas e as circunstâncias das mobilidades. Dessa forma, questiono: como se mover com qualidade vivenciando uma sociedade desigual?

Adams (1999) apresenta em seu artigo “The social implications of hypermobility” ou as implicações sociais da hipermobilidade (na tradução da autora) nove tendências para a sociedade hipermóvel: “será mais disperso”, “será mais polarizado”, “será mais perigoso”, “será mais hostil para as crianças”, “será mais gordo e menos apto”, “será menos variado culturalmente”, “será mais anônimo e menos sociável”, “será mais dominado pelo crime” e “será menos democrático”. Considero as previsões do artigo pessimistas, mas olhando hoje, mais de duas décadas depois, algumas áreas seguiram a hipótese do autor. Uma delas me chamou atenção: “será mais polarizado”. O autor explica a sua posição na citação a seguir.



O aumento da mobilidade do britânico médio descrito acima oculta uma lacuna crescente entre os ricos em mobilidade e os pobres em mobilidade. Todos aqueles também jovens ou velhos, ou de outra forma desqualificados para dirigir serão deixados para trás, junto com aqueles também pobres para comprar carros e bilhetes de avião. Eles se tornarão cidadãos de segunda classe dependentes para sua mobilidade nas ruínas murchas do transporte público ou na boa vontade dos proprietários de automóveis. E à medida que o mundo foge com eles para os subúrbios, a maioria das viagens se torna muito longa para fazer a pé ou de bicicleta. Em todo o mundo, as pessoas que não têm mobilidade ainda estão aumentando. (...) Na Grã-Bretanha, e em todo o mundo, as tendências constantes estão promovendo um apartheid de mobilidade (Adams, 2000, p. 98).

Adams (2000) menciona um “apartheid de mobilidade” com a crescente quantidade de pessoas sem ou com pouca mobilidade. Apesar do artigo estar geolocalizado no contexto da Grã-Bretanha e no início dos anos 2000, podemos deslocar sem perdas significativas suas reflexões para o contexto brasileiro atual. Adams (2000) oferece um indício para alcançar uma sociedade melhor, com uma reordenação de prioridades. “Em vez de continuar a sacrificar o ambiente físico e social por mais mobilidade, requer a promoção do local em detrimento do remoto” (Adams, 2000, p. 104). E continua valorizando a “natureza e nossas relações com amigos e vizinhos” (Adams, 2000, p. 104). Concordo com a valorização do local. Contudo, não pretendo realizar manifestação contrária à mobilidade, longe disso, mas que ela seja realizada com qualidade.

Desloco o pensamento de Adams (2000) para dois pontos: primeiro, a realidade do Estado do Rio de Janeiro com a diferença discrepante de investimento nas cidades, o que gera o enaltecimento da capital do Estado em prol das demais, gerando migrações constantes das periferias para os centros, apesar do transporte público deficitário; e segundo, as relações com amigos e vizinhos ampliadas para as comunidades e as redes educativas das cidades. Assim, há a necessidade de conscientização cidadã a respeito do espaço para a valorização da sua comunidade e reivindicação de melhores condições para viver de forma digna.

Compartilho com vocês a imagem de uma aula em movimento realizada com as estudantes do curso de Educação para a diversidade do IFRJ campus Belford Roxo. Inclui a imagem desse curso, que não fez parte do dispositivo de pesquisa, pois o dia da manifestação, 15 de maio de 2019, não era dia de aula com os praticantes da pesquisa, mas acredito que seja uma boa conexão com o tema abordado. Tomei cuidado com a identificação das estudantes, pois elas não estavam participando da pesquisa e não possuo termo de consentimento do uso de sua imagem.

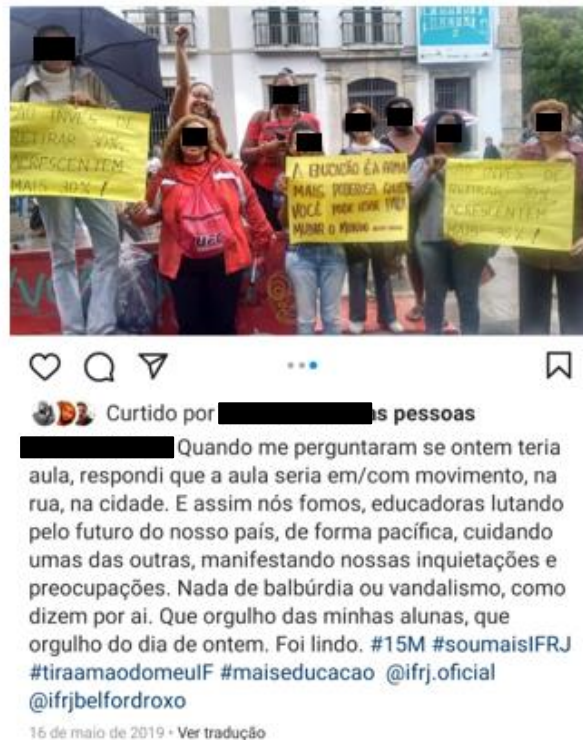


Figura 2. Imagem da turma de Educação e Diversidade na manifestação na praça XV
Fonte: arquivo pessoal da autora.

A palavra conscientização não está no nosso primeiro movimento sem razão. Paulo Freire (1987) alerta que o “próprio da consciência é estar com o mundo e este procedimento é permanente e irrecusável” (p. 31). Considero “estar com o mundo” também como uma forma de viver o cotidiano praticado na cidade. Pesquisar questionando os poderes, as subjetividades e as decisões políticas. “O paradigma das novas mobilidades (...) questiona como esse próprio contexto é mobilizado, ou realizado, por meio de práticas sociotécnicas contínuas, de material intermitentemente móvel” (Sheller; Urry, 2006, p. 211).

Por fim, levanto a questão que está nos inquietando no momento: o que fazer quando estiver desenvolvendo uma pesquisa em hipermobilidade? Lima, Silva e Torini (2019) oferecem uma dica importante: “levando em conta os modos como constroem, apropriam-se e praticam os espaços, como habitam e se movimentam nesses espaços, evitando reducionismos nos resultados das investigações realizadas” (p. 150).

Dessa forma, acredito que a formação em hipermobilidade requer dos pesquisadores e dos professores uma atitude que promova a libertação e a conscientização dos espaços. Da mesma forma que Freire (1987) defende a “consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo” (FREIRE, 1987, p. 38). Assim, caminhamos questionando a história dos espaços, as relações de classes sociais, relações raciais e de gênero, a cultura das ruas, a presença de redes educativas, as habitações, a segurança, o desenvolvimento econômico, os arranjos produtivos locais, os transportes, as relações das pessoas que circulam naqueles espaços, praticando-os e tantas outras questões que circular por uma cidade suscitam.

MOVIMENTO 2 – INVENÇÕES DE MICRONARRATIVAS URBANAS EM HIPERMOBILIDADE

O segundo movimento versa sobre as micronarrativas urbanas em hipermobilidade serem frações de acontecimentos e memórias que se articulam por experiências de vida que afetam os praticantes em diversos ‘*espaçostempos*’, não somente a captura de um momento e de um espaço específico. A inspiração para tal pensamento veio de Certeau (1994, p. 174-175) para



quem:

Os relatos de lugares são bricolagens. São feitos com resíduos ou detritos de mundo. (...) é-lhe fornecido (...) por fragmentos de lugares semânticos dispersos. Esses elementos heterogêneos, ou até contrários às vezes, preenchem a forma homogênea do relato. As relíquias verbais de que se compõe o relato, ligadas a histórias perdidas e a gestos opacos, são justapostas numa colagem em que suas relações não são pensadas e se forma, por esse fato, um conjunto simbólico. Elas se articulam por lacunas. Produzem, portanto, no espaço estruturado do texto, antitextos, efeitos de dissimulação e de fuga, possibilidades de passagem e outras paisagens, como subterrâneos e arbustos. (Certeau, 1994, p. 174-175).

Penso as micronarrativas urbanas em hipermobilidade como reuniões de experiências de vida em movimento conectado transformadas em relatos disseminadas em rede. Experiências que podem ir desde contextos formacionais, citadinos, sociais, psicológicos, antropológicos, políticos e outros. Podem apresentar uma infinidade de possibilidades (em tempos e cotidianos diferentes) que marcam as pessoas de diferentes formas. Pensar a hipermobilidade é buscar compreender as significações subjetivas dos seres humanos, pois o ato de se mover é baseado em subjetividades, como escolhas (causa, onde, quando), motivações (profissionais, sociais, acadêmicas), possibilidades (financeiras, infraestrutura, acessibilidade, conectividade) e outras questões preponderantes para que a mobilidade aconteça.

Certeau (1994, p. 185) afirma que “parece que um movimento sempre condiciona a produção de um espaço e o associa com uma história”. Reunião oportuna de espaço e história. Essa história nos interessa e no presente contexto, podemos chamar de micronarrativas. A denominação das (micro)narrativas se dá no sentido de “analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem ao seu perecimento” (Certeau, 1994, p. 162). Essas micronarrativas possuem uma “proliferação ilegítima” por não serem consideradas as grandes narrativas dominantes, são táticas criativas e subversivas dos praticantes que inscrevem suas experiências urbanas.

De acordo com Certeau (1994) “o ato de caminhar parece, portanto, encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação” (Certeau, 1994, p. 164). O autor compara o ato de caminhar à enunciação com a apropriação do espaço, como quando o praticante aprende a falar; com a realização do espaço, como quando o praticante efetivamente fala; e os contratos para o movimento, quando acordos linguísticos se estabelecem visando a comunicação. As comparações com a fala podem ser estendidas para a escrita, o que nos atende. Assim, refletindo sobre a importância da caminhada como uma expressão no mundo, onde o praticante se desloca e desloca o mundo, transformando os espaços, criando atalhos, desvios, atualizando movimentos e narrativas.



Figura 4. Imagens das caminhadas em que as praticantes se deslocam e deslocam o mundo
Fonte: dados da pesquisa.

É importante para uma pesquisa que se pretende estudar os espaços cotidianos proporcionar a caminhada, o movimento e a prática de vivenciar a cidade como enunciações e atualizações dela. O movimento com os cotidianos de Andrade, Caldas e Alves (2019) denominado “o sentimento do mundo” (exposto anteriormente) também contribui para ampliar minhas compreensões. Recorremos aos pensamentos de Alves (2008), onde a autora afirma que “não há outra maneira de se compreender as tantas lógicas (...) [dos cotidianos] senão sabendo que estou inteiramente mergulhada nelas, correndo todos os perigos que isto significa” (Alves, 2008, p. 18). Um mergulho nos cotidianos e nos movimentos das cidades com todos os sentidos, percepções, subjetividades, “olhar, mas também ouvir, tocar, cheirar, degustar tudo aquilo que aparecer em nossos caminhos” (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 23). Assim, indico que as vivências urbanas devem ser realizadas com todos os sentidos e memórias dos praticantes. A

narrativa textual e imagética de Thaís me provoca sobremaneira.

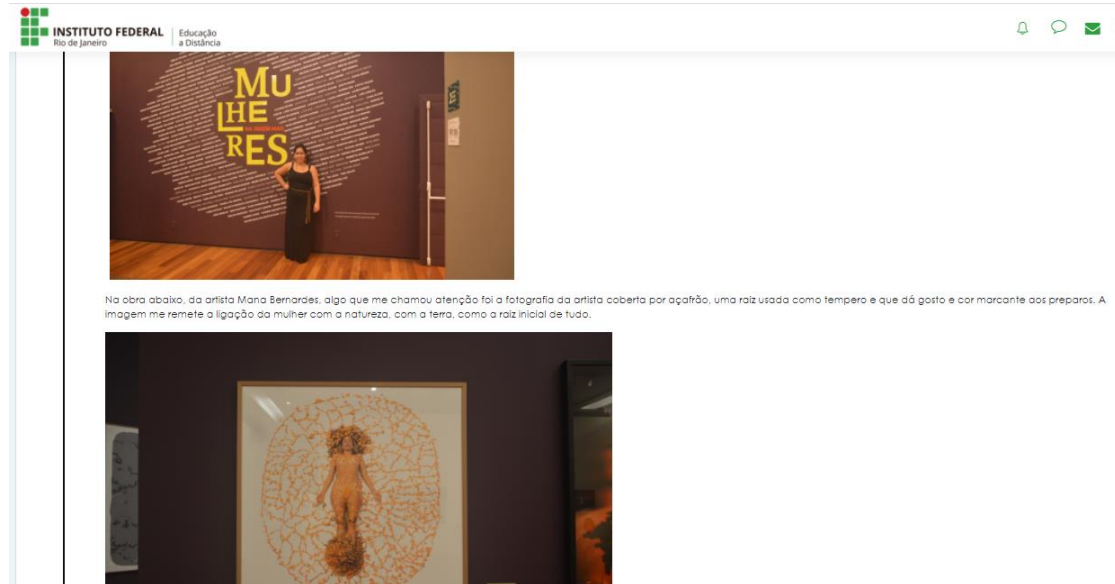


Figura 5. Imagem da micronarrativa urbana em hipermobilidade de Thaís
Fonte: dados da pesquisa.

Thaís - Difícil escolher qual obra me impactou mais, embora algumas estejam repletas de significados e vivências que também são minhas. Numa das obras, intitulada "As Facas de Meu Pai", da artista plástica paraense Lise Lobato, veio de encontro com muitas lembranças minhas. Como relatei durante a visita, quando fiz 15 anos, não quis fazer festa, mas ganhei do meu pai um canivete "pra me proteger, caso precisasse". Quando vi essa obra, que reúne vários modelos de facas de diversas regiões do Brasil, me lembrei na hora desse presente, que ao mesmo tempo em que foi a forma que meu pai viu para me proteger quando eu não estivesse com ele, mas problematizando um pouco essa situação, [também fala] da ideia de defesa da honra, da naturalização da violência e da opressão vivida no cotidiano pela mulher.

Certeau (1994) observa o relato como a potência de um ato criador que funda espaços, oferecendo “um campo muito rico à análise da espacialidade” (Certeau, 1994, p. 191). A rica narrativa de Thaís agrega lembranças, vivências, problematizações sobre opressão e o cotidiano feminino e caminha em estreita relação com o espaço praticado em nossas experiências pelo museu.

Dessa forma, três ações podem ser desenvolvidas pelos pesquisadores: compreender as micronarrativas urbanas em hipermobilidade como um diário de pesquisa; oportunizar uma ambiência propícia para que os praticantes desenvolvam as micronarrativas (se sua metodologia de pesquisa envolver essa prática); e narrar as suas histórias e as histórias dos



praticantes em seu documento de pesquisa. Assim todos os envolvidos podem relatar sobre os percursos de espaços (Certeau, 1994, p. 182), contribuindo para a compreensão dos cotidianos praticados. Podem ser criados espaços em rede para disseminação e atualização das experiências urbanas, para que essas enunciações tomem o mundo, pois cada micronarrativa atualiza o espaço com o cotidiano que é só dela. Também é importante que o pesquisador compreenda a complexidade que cada narrativa pode carregar, não sendo um reflexo absoluto de um momento, mas uma reunião de vivências, pois a bagagem também constitui a viagem.

No quadro da enunciação, o caminhante constitui, com relação à sua posição um próximo e um distante, um cá e um lá. (...) essa localização (cá-lá) necessariamente implicada pelo ato de andar e indicativa de uma apropriação presente do espaço por um “eu” tem igualmente por função implantar o outro relativo a esse “eu” e instaurar assim uma articulação conjuntiva e disjuntiva de lugares (Certeau, 1994, p. 165).

Certeau (1994) disserta a respeito da organicidade móvel do ambiente, sobre o movimento de localização (cá-lá) originário da caminhada e da apropriação do espaço. Compreendo que cá e lá se hibridizam com a tecnologia móvel da atualidade e que o movimento não pode mais ser analisado somente fisicamente, mas de forma tecnológica e hiperconectada também. Há uma movimentação de pesquisadores que reconhecem essas ressignificações e propõe a alteração de ações e métodos de pesquisa para considerar os deslocamentos contemporâneos, o paradigma das novas mobilidades (Sheller; Urry, 2006) que será abordado no próximo tópico.

MOVIMENTO 3 – PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM DIÁLOGO COM AS TECNOLOGIAS MÓVEIS

As tecnologias móveis propõem novas formas de interagir e se comunicar em movimento. Com a oportunidade de utilizar tais aparatos em nossas pesquisas, pretendo refletir sobre como os deslocamentos mediados por essas tecnologias proporcionam construções do espaço, da sociedade e da produção do conhecimento. Como o pesquisador pode compreender as relações entre os espaços praticados em hipermobilidade em suas criações sociais e educativas? Como pesquisadores e praticantes podem observar os cotidianos das cidades utilizando as tecnologias móveis?



Figura 6. Imagens das praticantes utilizando os celulares para registro e leitura de QR Code com informações da exposição
Fonte: dados da pesquisa.

O terceiro movimento foi criado com inspiração no paradigma das novas mobilidades, formado como efeito de uma "virada da mobilidade" (Sheller; Urry, 2006) que ultrapassa fronteiras, "conectando diferentes formas de transporte com padrões complexos de experiência social realizada por meio de comunicações à distância" (p. 208).

O "novo paradigma nas mobilidades", proposto por Mimi Sheller e John Urry (2006) permite falar sobre uma epistemologia do movimento, isto é, um conhecimento que provem de objetos de pesquisa móveis, e não mais estáticos. Os objetos de pesquisa passam a pressupor sua inconstância que abrem espaço à reformulação de uma Sociologia que permite desenvolver um método de conhecimento que acompanha o movimento. Trata-se de compreender as condições nas quais o movimento do objeto pesquisado ocorre. O novo paradigma das mobilidades diz respeito a um "novo campo

transdisciplinar de pesquisa em mobilidades” que “abrange pesquisa sobre a mobilidade espacial de humanos, não humanos e objetos; a circulação de informação, imagens e capital; bem como o estudo dos meios físicos para o movimento” (Pinto, 2020, p. 164).

Refletimos sobre as cidades de forma contemporânea, como espaço de fluxo, vivências, discussões e investigações em mobilidades hiperconectadas. É importante que pesquisas que pretendam investigar a respeito da hipermobilidade considerem as cidades como movimento, rede (local e global, como alerta Milton Santos), subjetividades e constante fluxo de informações. Por exemplo, as mídias locativas e a possibilidade de espaços aumentados (realidade aumentada) são interfaces que já afetam as cidades e produzem ampla produção científica.

John Urry possui um legado de produção no campo das novas mobilidades. Para o autor uma paisagem teórica e metodológica alternativa é atualizada com as novas mobilidades (Urry, 2007) e “novas formas de viagens ‘virtuais’ e ‘imaginativas’ estão surgindo e sendo combinado de maneiras inesperadas com viagens físicas” (Sheller; Urry, 2006, p. 207). Com o avanço das tecnologias, a mobilidade apresenta diferentes formatos. Urry (2007) aponta cinco dimensões do novo paradigma das mobilidades, duas delas mencionadas anteriormente: viagem corpórea, movimento físico de objetos, viagem imaginativa, viagem comunicativa e viagem virtual (como o exemplo das exposições virtuais no Google Arts & Culture, aplicativo foi utilizado para disparar conversas no fórum de conversação denominado um mundo ao nosso alcance, representado pela imagem a seguir.

Tive uma experiência que considero de importante relevância para minha formação, tanto enquanto produtora cultural, como quando educadora. Como Pierre Levi (1999) cita em um de seus estudos, o uso dessa ferramenta potencializa práticas de ensino e aprendizagem.

Durante meu percurso pelo aplicativo, busquei algo que estivesse relacionado ao contexto atual em que vivemos e me deparei com a Exposição “Resistir é preciso: A história da ditadura no Brasil”, uma iniciativa do Instituto Vladimir Herzog, com curadoria de Fábio Magalhães e realizada no CCB – RJ em abril de 2014.

A exposição é um apanhado histórico do período de 1960 a 1985 e retrata em forma de linha do tempo, os acontecimentos mais importantes da época, bem como seus personagens principais, como um dos principais opositores da ditadura militar, o político e escritor Carlos Marighella, assassinado em 1969.

Além disso, a exposição apresenta obras de diversos artistas, como as que destaco abaixo.

← Google Arts & Culture

PÁGINA INICIAL EXPLORAR POR PERTO PERFIL Q



Figura 7. Narrativa de Thaís sobre seu “percurso” pelo Google Arts & Culture
Fonte: dados da pesquisa.



Três possibilidades de viagens virtuais são Google Street View, Google Arts & Culture e visita 360° em sites de museus virtuais. O Google Street View pode ser realizado para “caminhadas” virtuais, observando ruas, bairros, carros, fachadas de casas e pessoas que estavam no momento da foto naquele local. As exposições virtuais no Google Arts & Culture nos levam para destinos múltiplos, que nos arrebatam pela arte e pela cultura. Visita 360° a site de museus virtuais, que permite observar exposições, obras e acervos de forma imersiva, vivenciar a hipermobilidade e a experiência em redes educativas, sem que o deslocamento corpóreo ocorra.

É importante saber que rastros e vestígios são disponibilizados no espaço de hipermobilidade pelos praticantes e podem ser utilizados para compreender migrações de povos, alterações populacionais, movimentos sociais, escolhas que mulheres fazem por caminhos da cidade, utilização das redes para facilitar o uso do transporte público e tantos outros exemplos de objetos de pesquisa em mobilidade que levam em consideração as construções espaciais e sociais, não somente o deslocamento.

No cotidiano, os corpos se apropriam espontaneamente do espaço para responder a necessidades imediatas de uso. Discute-se o virtual a fim de enfatizar a importância da problematização das práticas ordinárias referentes ao uso do espaço urbano, ao considerar a atualização de fenômenos virtuais como ação interpretativa de suas múltiplas possibilidades de uso. A maneira como se dá a atualização das virtualidades de uso no espaço é condicionada pela materialidade das estruturas reais existentes no local onde a ação acontece. Por ser resultado de interpretações que combinam informações adquiridas ao longo da experiência cotidiana, a atualização de um fenômeno virtual no espaço urbano se coloca como produção estética inventiva e crítica e tem, portanto, valor político (Castro, 2017, p. 265).

O terceiro movimento provoca a integração tecnológica na produção de conhecimento em mobilidade, contribuindo para refletir sobre a questão: como o pesquisador pode compreender as relações entre os espaços praticados em hipermobilidade em suas criações sociais e educativas? Castro (2017) ao refletir sobre a virtualização do espaço urbano cotidiano volta-se para “a instância virtual dos acontecimentos cotidianos, que orienta atitudes inventivas na apropriação do espaço ao longo da vivência diária na cidade contemporânea” (Castro, 2017, p. 265-266). Seu objetivo coaduna com nossas expectativas no sentido de compreender o virtual como promotor de atitudes criadoras de apropriação do espaço urbano e em acreditar que a atualização de um fenômeno virtual ocasiona produções estéticas inventivas e críticas, com valor político intrínseco.

Utilizaremos o primeiro movimento das pesquisas com os cotidianos, o sentimento do mundo, para pensar a produção do conhecimento em hipermobilidade, sobre o mergulho com todos os sentidos e em movimento. Um exemplo de atividade que requer tal postura é a técnica

participating, definida por Lima, Silva e Torini (2019) como uma técnica em que o pesquisador acompanha “o movimento das pessoas e segui-las de perto ou à espreita. Na perspectiva da pesquisa das mobilidades, a técnica foi batizada de *walking with*. A sua utilização visa promover uma aproximação à visão de mundo do observado” (Lima; Silva; Torini, 2019, p. 153). Para essa compreensão é necessário que o pesquisador mergulhe com todos os sentidos e sinta efetivamente o mundo do pesquisado. As tecnologias digitais em rede contribuem para a efetividade desse movimento.

Retomo a segunda questão incluída no início desse tópico: como pesquisadores e praticantes podem observar os cotidianos das cidades utilizando as tecnologias móveis? Aposto no primeiro movimento das pesquisas com os cotidianos para sanar essa questão. Para observar os cotidianos das cidades é preciso mergulhar com todos os sentidos nela e contar com o especial apoio tecnológico para que esse mergulho conte com melhores registros.



Figura 8. Imagem do uso dos dispositivos móveis pelas praticantes da pesquisa
Fonte: dados da pesquisa.

Como registrar e descrever o movimento do pesquisado em uma rua sem ouvir e gravar o som dos transportes que ali circulam? Além da experiência atenta do pesquisador, um aplicativo que grave áudios é fundamental para que esse registro não se perca. Como registrar e descrever o movimento do pesquisado em uma rua sem ver a movimentação de pessoas dessa rua? Gravar vídeos da movimentação de pessoas naqueles espaços será útil ao pesquisador para descrever com mais detalhes cenas e situações. Os demais sentidos ainda são impossíveis de serem registrados, como o cheiro, o tato e o gosto, mas podem ser adaptados para facilitar a memória daqueles momentos. Como registrar e descrever o movimento do pesquisado em uma rua sem sentir o cheiro das flores que brotam denunciando a primavera? Como registrar e descrever o movimento do pesquisado em uma rua sem sentir o gosto das comidas típicas daquela região?



E como registrar e descrever o movimento de um pesquisado com necessidades específicas em uma rua sem sentir os buracos e calçadas desniveladas que dificultam sua mobilidade urbana? Para as três últimas perguntas, eu contaria com a ajuda de imagens e descrições textuais, narrando aquelas experiências com o máximo de detalhes que fossem possíveis em aplicativos de notas hipertextuais, como Evernote, OneNote, Google Keep, Apple Notas e tantos outros.

(IN)CONCLUSÕES

Ouvir o que é calado, olhar o que é invisibilizado, procurar tocar o que está escondido, as pesquisas com os cotidianos são feitas de detalhes. Detalhes que podem passar despercebidos ou não terem a devida importância para outras epistemologias, por valorizarem diferentes formatos, dados e com instrumentos que não busquem captar as nuances. Nesses detalhes, histórias de vida, docência e formação são silenciadas pelo rolo compressor do existir.

As pesquisas com os cotidianos ocupam meu imaginário durante a produção científica, em diferentes momentos e intenções, como idealizar uma atividade pedagógica ou conversar com meus educandos. É importante comunicar ao leitor a forma como produzimos conhecimento, pois não é uma opção comum e ainda gera estranhamento até para pesquisadores da área da educação. Esse estranhamento ocasiona ações no sentido da não compreensão do que é produzido, do julgamento de falta de ética ou de cientificidade. O coletivo que iniciou essa jornada, como Nilda Alves, Regina Leite Garcia e outros pares são extremamente corajosos ao caminhar muitas vezes na contramão do que está posto. Mais de 20 anos depois, hoje as trilhas já foram abertas, a mata já foi cortada e o caminho traçado para que a possamos passar de uma forma um pouco mais fácil.

Após tantas reflexões, como a necessidade desse tipo de epistemologia, como essas pesquisas afetam o estudo e a atualização pelo caminho das pesquisas móveis, reitero alguns pressupostos das pesquisas com os cotidianos: a valorização dos sujeitos da pesquisa; a compreensão de que os fenômenos que transversalizam as práticas educacionais devem ser entendidos a partir de uma multiplicidade de sentidos e significações; a necessidade de o pesquisador assumir a imprevisibilidade na investigação científica, compreendendo que intercorrências acontecem ao longo das pesquisas e podem ser consideradas como alertas ou pistas para, quem sabe, uma mudança de rota ou uma atenção maior para determinado assunto; perceber a complexidade dos *espaçostempos* escolares, já que a nossa leitura dos acontecimentos não pode ser compreendida como a totalidade dos cotidianos, pois múltiplos enredamentos os atravessam; compreender a pesquisa como processo e não considerar somente o resultado; e a vivência dos acontecimentos cotidianos junto com os praticantes, não necessariamente na mesma intensidade, mas como um evento cultural situado.



Sheller e Urry (2006, p. 212) questionam: “E como nossos próprios modos de 'saber' estão sendo transformados pelos processos 'móveis' que queremos estudar? ” Três movimentos contribuem para responder essa questão: com o desenvolvimento de conscientização cidadã a respeito do espaço, com invenções de micronarrativas urbanas em hipermobilidade e na produção de conhecimento em diálogo com as tecnologias móveis. Dessa forma, acredito que podemos desenvolver pesquisas que considerem o cotidiano em hipermobilidade. Lembrando que essa é uma obra aberta, portanto, possível de ressignificação. As três pistas propostas como noções subsunçoras são flexíveis, não engessadas, pois iríamos contra o que acreditamos nas pesquisas com os cotidianos, que alerta para a necessidade de vigilância para as formas prontas.

No presente artigo, refletimos sobre a noção de hipermobilidade evidenciar a intensificação dos fluxos, deslocamentos e conexões mediadas por tecnologias móveis, que reconfiguram as formas de perceber, experienciar e produzir a cidade. Destaca-se a conscientização dos espaços, compreendida como um processo formativo que ultrapassa a transmissão de conteúdos e se orienta pela construção de uma consciência crítica das relações entre sujeitos e cidade. Em diálogo com a perspectiva Freireana, tal processo implica compreender o espaço urbano não como cenário neutro, mas como campo de disputas e práticas sociais. Estudar os espaços cotidianos requer mergulhar na cidade com todos os sentidos, reconhecendo-a como processo em constante atualização, valorizando a experiência sensível como tática. Nesse percurso, as tecnologias móveis configuram-se como aliadas metodológicas, potencializando o registro, a documentação e a análise das experiências, sem substituir a presença corporal e a imersão.

A articulação entre hipermobilidade, conscientização crítica e vivência dos cotidianos aponta para uma abordagem investigativa que integra experiência, reflexão e tecnologia. Tal perspectiva amplia as possibilidades de compreensão dos espaços urbanos e reafirma a necessidade de práticas formativas comprometidas com a problematização e a emancipação dos sujeitos em suas relações com a cidade.

As histórias da escola precisam ser contadas, considerando as subjetividades que pertencem esse ‘*espaçotempo*’. Que os praticantes sejam vistos e suas práticas visibilizadas, para que discursos como “eles não sabem”, “eles não gostam de trabalhar” ou “eles não querem fazer” que ouvimos sobre escolas e professores sejam encerrados, e os grandes atores da educação nesse tempo virem personagens principais das histórias sobre a escola.

REFERÊNCIAS

ADAMS, John. **Hypermobility**. Prospect, Londres, Mars, 2000.



ADAMS, John. **The social implications of hypermobility**. OECD Workshop Proceedings on the Economic and Social Implications of Sustainable Transportation. 1999. p. 95-104.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. 3ª ed. Petrópolis: DP&A, 2008, p.13-38.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Revista Teias**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 1-8, jan./dez, 2003. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23967> Acesso em: 29 jul. 2017.

AMARAL, Mirian Maia. **A Ciberpesquisa em Educação**: autorias e inspirações teórico-metodológicas do Grupo de Pesquisa Docência e Ciberultura – GPDOC. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 217p.

ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra N.; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - após muitas conversas acerca deles. In: OLIVEIRA, I. B.; PEIXOTO, L. F.; SÜSSEKIND, M. L. (Org.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. 1ed. Curitiba: CVR Editora, 2019, v. 1, p. 19-45.

ARDOINO, Jacques. **Para uma pedagogia socialista**. Brasília: Editora Plano, 2003.

CASTRO, Laura Fonseca de. **A virtualização do espaço urbano cotidiano**. In: LIMA, Nádia Laguárdia; STENGEL, Márcia; DIAS, Vanina Costa (orgs.). Anais do 1º Simpósio Internacional Subjetividade e Cultura Digital: corpo e virtualidade [recurso eletrônico]. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG; PUC Minas, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LÉVY, Pierre. **Ciberultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, M. C.; SILVA, C. C. dos S.; TORINI, D. M. Métodos Móveis no Contexto do Paradigma das Novas Mobilidades. **Internext**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 145–160, 2019.

PAIS, José Machado. Nas Rotas do Quotidiano. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 37, p. 105-115, 1993.

PINTO, Simã Catarina de Lima. O novo paradigma epistemológico das mobilidades na dicotomia entre o espaço público e o espaço privado. **Revista Húmus**, v. 10, n. 29, 2020.



SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, Milton. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, nº 21, Porto Alegre, 1996, p. 7-14.

SHELLER, Mimi, & URRY, John. The New Mobilities Paradigm. **Environment and Planning A: Economy and Space**, 38(2), 2006. p. 207–226.

URRY, John. **Mobilities**. Cambridge: Polity Press, 2007. 335 p.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.